

—
PORTUGAL
ENTRE
PATRI-
MÓ-
NIOS
—

2#

**GEOGRAFIA
E UTOPIA**

MUNDO //

TERRITÓRIO //

HOMEM //

GEOGRAFIA E UTOPIA

Lúcia Saldanha

Acredita-se demasiado na mitologia criada pelas ficções do nosso tempo e ao imaginar o passado, até mesmo fenómenos recentes, muitas vezes inventam-se coisas. Encontramos sempre mitos para lá da realidade, capazes de construir essa mesma realidade e causas em torno deles própriosⁱ. Será que a ficção está muito mais próxima da realidade do que os factos?

A distinção entre realidade e ficção envolve ferramentas de observação e pensamento indispensáveis ao entendimento de um sem-número de relações e circunstâncias complexasⁱⁱ. Como exercício analítico exige vontade, esforço e determinação. A tentativa de perceber como um português médio ou um aluno de uma escola entende o país, tem resultado numa imagem desfocada de uma realidade confusa e opacaⁱⁱⁱ.

Vive-se cada vez mais numa realidade rotulada de polimórfica, em que a cultura se interliga a nível da escala geográfica de uma forma decisiva para a evolução das sociedades e das economias contemporâneas^{iv}. Nesta época da mundialização, a construção geográfica dos territórios, das cidades e das regiões é dominada pelo cruzamento de redes, pelas instituições, pelos capitais supralocais^v e por uma memória deficiente e irregular.

Portugal viveu transformações profundas e radicais, em que todas as variáveis territoriais e as suas relações foram mobilizadas em simultâneo. Paralelamente a regiões esvaziadas aflorou uma sociedade que se urbanizou. Surgiram: novas relações campo-cidade, instalação

ⁱ <https://www.publico.pt/2017/12/31/sociedade/entrevista/roteiro-por-um-pais-em-dissonancia-com-a-imagem-que-temos-dele-1797476>

ⁱⁱ <https://www.publico.pt/2017/12/31/sociedade/entrevista/roteiro-por-um-pais-em-dissonancia-com-a-imagem-que-temos-dele-1797476>

ⁱⁱⁱ Saldanha, L. (2016). "O Projeto: desenvolvimento, comunicação, cultura". Lisboa: Caleidoscópio. Pag.75

^{iv} <https://ionline.sapo.pt/artigo/600277/alvaro-domingues-parece-me-que-andamos-a-pensar-o-pais-por-bitaites-?seccao=Mais>

^v Magnaghi, A. (2017). "A biorregião urbana, Pequeno Tratado sobre o Território, Bem Comum". Matosinhos: esad arte+desing.

de infraestruturas, alteração dos sistemas sociais e produtivos locais, novos modelos urbanos, aspetos agroflorestais; a governança dos rios e das bacias hidrográficas, das expansões urbanas, das cidades históricas, dos bens culturais e paisagísticos - construções, novos modos de vida, autoestradas, sucessivas alterações nas paisagens existentes. Acima de tudo geraram-se novos paradigmas e em poucas décadas a Geografia centralizou-se em dois conceitos-chave - o espaço e o território^{vi}.

A revolução de abril, a entrada na União Europeia, a infraestruturização do país e as sucessivas levas de emigração, potenciaram situações de profunda mudança em quase todas as regiões^{vii}. Muitas vezes a atenção não acompanhou a mudança constante.

A emergência de uma Geografia de base económica, apoiada numa construção modélica e quantitativa, deu lugar a uma maior divisão entre Geografia Física e Humana (mais em termos de objeto do que no método de estudo)^{viii}.

O conceito de Território (remetendo para a ideia de um espaço geográfico socialmente apropriado, regulado e construído) provocou uma nova inflexão no percurso da Geografia, transportando-a para o campo sociológico, centrando a explicação do Território como produto/construção social, lugar de confronto, de tensões, de conflitos de uso e de apropriação e transformação^{ix}.



**NO AGORA,
ENCONTRAMOS
NA UTOPIA UMA
PERSPETIVA
DE ESTRATÉGIA**

Não sendo uma coisa, o território é hoje um conjunto de relações; planifica-se no sentido de um modelo de desenvolvimento, com regras para a sua utilização num quadro temporal, em processos de territorialização, de contextos territoriais e paisagísticos e das suas regras de geração e transformação. Neste território, as paisagens, ao contrário de peças de museus, são realidades intermédias entre a totalidade e a singularidade, entre conservação e projeto^x.

Neste cenário, os conceitos excessivamente valorativos têm sido sucessivamente desprezados e substituídos por conceitos expressivamente quantitativos, impondo

^{vi} <http://www.apha.pt/wp-content/uploads/boletim3/AlvaroDomingues.pdf>

^{vii} <https://www.publico.pt/2017/12/31/sociedade/entrevista/roteiro-por-um-pais-em-dissonancia-com-a-imagem-que-temos-dele-1797476>

^{viii} <http://www.apha.pt/wp-content/uploads/boletim3/AlvaroDomingues.pdf>

^{ix} *idem*

^x Serrão, A. (2013). "Filosofia da Paisagem: Uma Antologia". Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

a necessidade do questionamento de fenómenos dominantes (que são fenómenos invariavelmente complexos). O domínio destas questões complexas mobiliza múltiplas variáveis e as suas conexões de um modo a que contribuam de forma estratégica para objetivos de transformação. Surge assim uma necessidade crescente de pessoas com aptidões de raciocínio relacional, vocacionadas para o diálogo multidisciplinar, para a construção interdisciplinar e transdisciplinar, que saibam traduzir as aptidões culturais em novos campos de investigação e profissionais^{xi}.

Não se pode persistir numa completa inabilidade para ler as coisas. É indispensável uma caracterização que ajude a perceber o que é o mundo para se entender a inevitabilidade da conceção e gestão do território como um bem de todos. Abandonando assim o Território à sua condição de plataforma instrumentalizada, assumindo um papel central na produção de riqueza, ou seja, na economia^{xii}.

Para a sua governação são fatores determinantes a construção de políticas económicas, sociais, ambientais e paisagísticas que contribuam para fornecer bases concretas de produção de novas riquezas sustentáveis a nível local, regional, nacional.^{xiii}

Felizmente, fora da radicalização ou da negatividade de discursos, surgem projetos inovadores baseados na reconstrução das relações entre a sociedade estabelecida e o património territorial, ajudando o imaginário a produzir as visões de cooperação para uma melhor construção/reconstrução de um presente e de um futuro do mundo/planeta, não procurando respostas apenas no passado.

Sendo o futuro uma página em branco, não exclui o esforço de se reparar consequências de más opções e encontrar soluções alternativas. No agora, encontramos na Utopia uma perspetiva de estratégia, imaginando outra realidade num presente virtual ou num futuro hipotético; uma estratégia para o questionamento da realidade e do presente, tomando a forma de um processo^{xiv}.

Para assumir um horizonte destes tempos de grande e constante transformação, explora-se a relação entre diferentes áreas disciplinares e diversos setores que potencie projetos estratégicos de transformação social. A cultura, como fator de identidade territorial,

^{xi} Magnaghi, Alberto. (2017). “A biorregião urbana, Pequeno Tratado sobre o Território, Bem Comum”. esad arte+desing, Matosinhos.

^{xii} <https://www.publico.pt/2017/12/31/sociedade/entrevista/roteiro-por-um-pais-em-dissonancia-com-a-imagem-que-temos-dele-1797476>

^{xiii} Magnaghi, Alberto. (2017). “A biorregião urbana, Pequeno Tratado sobre o Território, Bem Comum”. Matosinhos: esad arte+desing.

^{xiv} Vieira, F. (2010). “The concept of utopia” in “*The Cambridge Companion to Utopian Literature*”.

é uma ferramenta transversal e de influência estrutural nos processos sociais e económicos. Espelha a pluralidade de relações que envolve todas as variáveis da a vivência individual e coletiva que forma os territórios.

A obra de Thomas More, “Utopia” (século XVI), formulou um ideal de vida, mais do que um ideal urbano, convertendo- se numa referência do pensamento otimista^{xv}. Também hoje o conceito de Utopia é um atributo do pensamento moderno, com significados que servem novos interesses e se cristalizam em novos formatos^{xvi}. É uma força motivadora na construção das futuras condições de vida sobre a Terra.

Nos seus estudos sobre Utopia, a investigadora Fátima Vieira diz-nos que aquela se tornou “numa estratégia de criatividade, abrindo caminho para o único caminho que o homem pode seguir: o caminho da criação, incorporando na sua lógica a dinâmica dos sonhos e usando a criatividade como sua força propulsora”^{xvii}. É bom que a ideia de Utopia tenha hoje uma juventude improvável, uma obrigação de inventar frente ao inédito^{xviii} para que todos reconheçamos não só a nossa condição de agentes, mas também a de autores.

^{xv} Saldanha, L. (2016). “O Projeto: desenvolvimento, comunicação, cultura”. Lisboa: Caleidoscópio. Pag. 294.

^{xvi} Vieira, F. (2010). “The concept of utopia” in “The Cambridge Companion to Utopian Literature”. Cambridge: Cambridge University Press. Pag. 6 e 7.

^{xvii} Vieira, F. (2010). “The concept of utopia” in “The Cambridge Companion to Utopian Literature”. Cambridge: Cambridge University Press. Pag. 6 e 7.

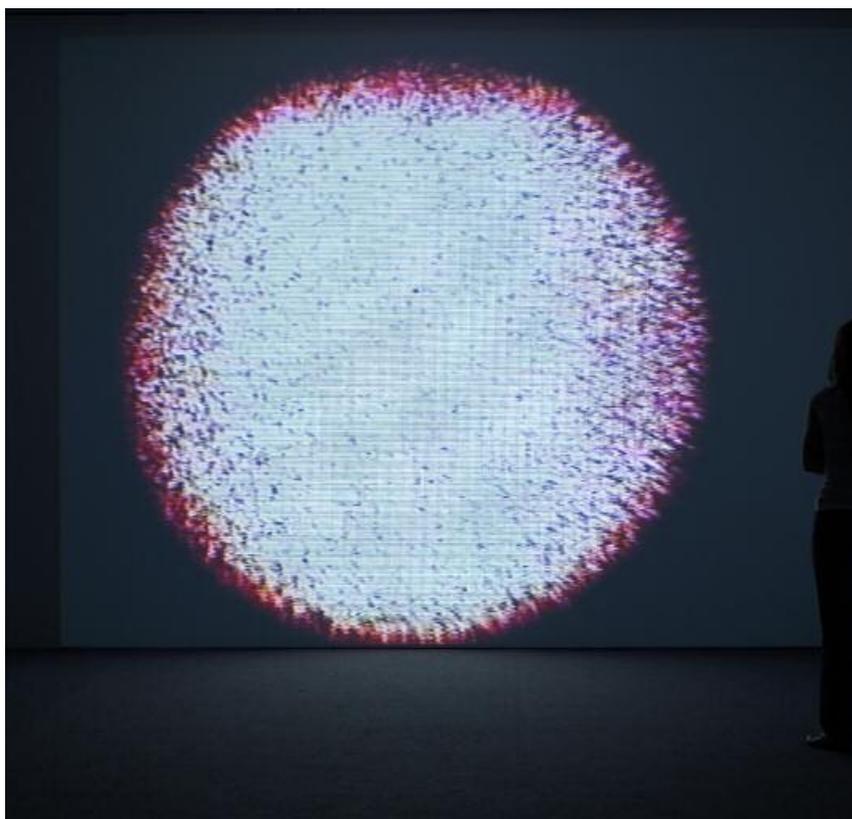
^{xviii} Saldanha, L. (2016). “O Projeto: desenvolvimento, comunicação, cultura”. Lisboa: Caleidoscópio. Pág. 295

*Na terra acho, na terra deixo**

MUNDO //

Que o mundo está mal, dizemos,
e vai de mal a pior;
e, afinal, nada fazemos
p'ra que ele seja melhor.

António Aleixo, "Este Livro que vos deixo"
[*http://www.rtp.pt/programa/tv/p25820](http://www.rtp.pt/programa/tv/p25820)



ALEXANDRE ESTRELA • SEM SOU • 1999 • VÍDEO / VÍDEO, COB. SOM. 12' • BANDA SONORA, 85 ANI DURAÇÃO: 00:12 • ANI INVENTÁRIO 2001.

TERRITÓRIO //

É um espaço dinâmico, que se constrói por ação de diferentes atores que colocam questões comuns e que as tentam resolver de forma conjunta, fabricando com isso o território (portanto o território como modo de construção e estruturação do espaço a partir da resolução de problemas pontuais comuns). Mas é, ao mesmo tempo, a cristalização de fenómenos sociais, económicos e políticos (...).

Em síntese, (...) TERRITÓRIO MATERIAL, que inclui: o território BIOFÍSICO - corresponde ao espaço geográfico natural, constituído pelos elementos biofísicos (suporte geológico, recursos hídricos e solo, incluindo fauna, flora e vegetação) e pela relação que estabelece com o homem; o território FÍSICO HUMANIZADO - corresponde ao espaço físico produzido pelo homem, de natureza cada vez mais complexa, resultado da sua atividade humana, da sua ação técnica e política, com diferentes formas e funções, sem continuidade e contiguidade física e sem delimitação física definida; (...) TERRITÓRIO IMATERIAL, que inclui: o território SÓCIO RELACIONAL - resultado da ação de diferentes atores que se relacionam (com diferentes interesses, conflitos e formas de poder), num processo permanentemente incompleto e socialmente construído, produzido para realizar funções e significados, espaço agregador de diferentes identidades, para ser apropriado; o território ECONÓMICO-FUNCIONAL - centra-se no potencial ou resultado da atividade de agentes económicos no território, suas relações crescentemente complexas e interdependentes, e a diferentes escalas (locais e globais), e as condições de acesso ao seu suporte físico; o território SOBERANIA - entendido como o espaço geográfico das soberanias político-administrativas, que se estabelecem em diferentes níveis, frequentemente em tensão e conflito.

José Carlos Batista da Meta
<http://ria.ua.pt/handle/10773/13666>, consultado em 16.09.2019



SETO DA SOBERANIA EM VILHARITO, GAIVAS (1954).
 INSTITUTO PORTUGUÊS DE PATRIMÓNIO, 2025, 98 p.



Fernando Lemos

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

[Portugal entre Patrimónios]

CONCEÇÃO E COORDENAÇÃO

Lúcia Saldanha

CONSULTORIA EDITORIAL

Anabela Carvalho, Daniela Ambrósio,
Emília Ferreira, Ruth Calvão

APRESENTAÇÃO

Lúcia Saldanha

TEXTOS

Carlos Ribeiro, Cristina Vaz de Almeida,
Emília Ferreira, José Manuel dos Santos,
Lúcia Saldanha, Maria Adelaide Ferreira,
Rui Afonso Santos

POSFÁCIO

Emília Ferreira

REVISÃO DE TEXTO

Angelina Pessoa

DESIGN GRÁFICO

António Faria

FOTOGRAFIAS DE CAPA

Duarte Belo

PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO

Digiset

EDIÇÃO DIGITAL

[www.portugalentrepatrimonios.gov.pt/
wpcontent/uploads/2019/12/livro_portugal_entre_patrimonios.pdf](http://www.portugalentrepatrimonios.gov.pt/wpcontent/uploads/2019/12/livro_portugal_entre_patrimonios.pdf)

EDIÇÃO

Museu Nacional
de Arte Contemporânea

janeiro 2020

© dos textos: os autores

© das imagens: os autores e os proprietários

© da presente edição: Direção Geral do Património Cultural-MNAC

ISBN 978-972-776-570-6

Depósito Legal: 465811/20

Nesta edição respeitou-se o acordo ortográfico, exceto nas opções expressas pelos autores ou citações de publicações existentes.

Os textos são da exclusiva responsabilidade dos respetivos autores e não refletem necessariamente o ponto de vista do MNAC.

Este livro integra a produção editorial do projeto [PORTUGAL ENTRE PATRIMÓNIOS].



Ao falar-se do [Portugal entre Patrimónios] como realidade, está-se perante uma construção em curso – singular e exploratória. Esta publicação testemunha a atenção e envolvimento do Museu Nacional de Arte Contemporânea nesta rede de infraestruturais culturais implantadas no território. Com elas, o MNAC pretende abrir caminho a novas experiências e permitir uma mais lata percepção da contemporaneidade artística e comunitária.

Este livro é uma relação possível com o real, um modelo de proximidade entre iniciativas e simultaneamente um horizonte de possibilidades no espaço geográfico nacional.

Independentemente da dimensão utópica do projeto, a memória, a atenção e o pensamento, associados à escala, ao território e ao tempo, cruzam aqui três ideias: a comunicação dialógica, o estar em grupo e o fazer com o outro.

